

# SOBRE A INVENÇÃO DA TERRA

## ABOUT THE EARTH INVENTION

Tarcísio Bezerra de Lima Jr.<sup>1</sup> (UFRN)  
<http://orcid.org/0000-0002-3085-6462>

Ozaias Antônio Batista<sup>2</sup> (UFERSA)  
<http://orcid.org/0000-0003-1351-9728>

Franco Farinelli nasceu em 6 de maio de 1948 em Ortona, Itália. Geógrafo por formação basilar e também doutor em Geografia Humana, busca em seus estudos e produção científica uma interdisciplinaridade entre áreas da história, filosofia, comunicação e geografia. Farinelli compreende a geografia como uma ciência ampla e alinhada à perspectiva da Escola das Mentalidades (Annales), aproximando a sua perspectiva da visão humanista e analítica do ser humano como agente formador e inventor de espaços.

Suscitando debates acerca da evolução do pensamento geográfico, Farinelli nos apresenta em *A invenção da terra* (2012) um engendrado cenário da invenção e construção do espaço, utilizando-se, para isso, de lendas e mitos da humanidade, *a priori*, com determinado foco filosófico, invocando pensadores e teóricos clássicos a partir de uma perspectiva romanesca, daí os capítulos que compõem a obra supracitada estarem imersos em analogias de cunho mitológico e lendário. *A invenção da terra* divide-se em 20 capítulos, os quais recapitulam eventos e fatos históricos entrelaçados com lendas e mitos de vários povos, a fim de suscitar o debate em torno do complexo processo de “invenção” da terra tal qual a concebemos hoje.

No Capítulo 1, “As duas formas da Terra”, indaga-se sobre a possível forma da superfície terrestre, ora redonda, ora plana, e, por vezes, esférica. Embora algumas obras clássicas – como a *Divina Comédia*, de Dante Aligheri – sustentem uma hipótese de uma terra redonda, tal afirmativa esbarrou em obstáculos religiosos (crença) ou físicos (para o conhecimento da época), pois se sabe que o “mundo de Dante” era plano e estático.

No capítulo 2, “O Logo é a tábula”, Farinelli sintetiza o processo de se perceber a importância da dimensão plana detida pela concepção da forma espacial da Terra. Segundo o autor, essa é uma das principais reflexões do pensamento do mundo Ocidental, usando

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais - Linha Complexidade, Cultura e Pensamento Social - PPGCS/CCLHA-/UFRN). Mestre em História (UFRN/2020), Historiador (UFRN/2020).

<sup>2</sup> Professor de Sociologia no Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN). Doutor em Ciências Sociais (UFRN). Mestre e Licenciado em Ciências Sociais (UFRN).

como base o mito bíblico do Gênesis, aponta a existência prévia dos lugares para a própria concepção dos mitos.

Em “O manto no céu e a linha do horizonte”, título do capítulo 3, Farinelli disserta sobre o mito de Enuma Elish, o qual explica a criação do mundo para os babilônicos há 2 mil anos a. C., entes como Mummu (névoa), Tiamat (água salgada) e Apsu (água doce) fazem parte dessa narrativa mítica. Mummu deu origem a Tiamat e a Apsu, sintetizando a formação do mundo a partir da mistura de ambos em dado momento, formando a lama. Dessa lama, nascem os deuses primordiais que definiram a divisão do firmamento e a criação do horizonte. Posteriormente, a batalha entre esses deuses e seus descendentes gerará com definição a linha do horizonte.

Os capítulos 4 e 5 trazem o mito de “O sargento Polifemo” e da “invenção do espaço”, respectivamente. Ambas as narrativas míticas estão presentes na história de Ulisses, quando ele discursa sobre seu encontro com o Ciclope e a posterior fuga da caverna desse monstro. A inteligente analogia tratada por Farinelli, ao resgatar a narrativa de Ulisses, faz-nos repensar como se deu a mudança da concepção do espaço, pois o autor demonstra, por meio da percepção do Ciclope ao tatear os argonautas em fuga de sua caverna transvestidos de ovelhas, as noções de perspectiva, distância e espaço.

O capítulo 6 discute sobre o manto da Terra, fato narrado por Ferécides (VI a. C.) que, com Estrabão, foram os primeiros pré-socráticos. Eles também podem, segundo Farinelli, ser considerados como os “primeiros geógrafos”. Ferécides invoca o mito babilônico do manto da Terra não apenas no sentido de “horizontalidade” mas também considerando uma superfície vertical entre os elementos terra, céu e água. A Terra (*Ctón*) casa-se, e, em seu “manto”, bordam-se montanhas, relevos, lagos. Nesse instante, a água, o céu, os rios e o mar surgem conectados em detrimento do horizonte estático.

No 7 capítulo “Salomé” e capítulo 8 “a Terra é uma cabeça”, respectivamente, Farinelli outra vez usa de excepcional arranjos semióticos ao utilizar o episódio de Salomé e a cabeça de João Batista no prato. Nessa perspectiva, Salomé representa o novo, a juventude, a “esfera” na forma de cabeça; e Hérodes simboliza a situação, o *status quo*, o prato em si. Podemos, então, trazer luz ao embate entre a forma “circular e plana do próprio prato” e a forma “esférica da cabeça”, reforçando o argumento que seria João, o “personagem”, capaz de nomear por suas ações. Então, o poder de fato está no ato de “nomear”. Assim, a cabeça suplanta o prato, logo, vemos o embate das formas e o uso do poder (nesse caso, o conhecimento) em favor da forma esférica. Ademais, o plano esférico surge da relação dicotômica e, ao mesmo tempo antagônica, entre o prato e a cabeça.

No capítulo 9, “De quem é o ovo”, e no 10, “Porque o renascimento se chama assim”, o autor revela que – empossados do saber e com a compreensão do poder da informação dos mapas, do conhecimento até então assimilado dos vários pensadores e com respeito ao mundo conhecido – houve uma corrida mercantilista entre as nações ibéricas de Portugal, que era uma potência ultramarina, e Espanha, que dividia com Portugal essa supremacia marítima. A busca pela descoberta e posse de novas terras motivou a circum-navegação. O intuito era totalmente voltado para a prospecção de metais, pedras e/ou especiarias, sendo

esses os vetores das viagens transatlânticas de ambas as nações. Basta lembrarmos que Colombo que, apesar de ter chegado às Américas, não tinha em si a certeza da descoberta de um novo continente, e essa afirmativa foi fruto de várias reflexões desse navegador. Bom lembrar que Colombo era cristão, com grande fé católica e estava a serviço do Reino de Castela (Espanha). Em várias passagens, pensou, inclusive, ter chegado ao Paraíso, quando adentrou o rio Orinoco, na Venezuela. Outro fator relativo a Colombo é que ele era italiano, país sede da Igreja Católica e que reunia vasto conhecimento produzido na Europa e em todo o mundo conhecido. Na Itália, especificamente na Florença do séc. XV, repercutia a visão do globo com asas, dando início à perspectiva linear, à visão espacial do globo. Esse fato incute à visão da perspectiva da Terra fatores importantíssimos como distância, métrica, perspectivas lineares modernas e o ponto de vista espacial.

No capítulo 11, “Terra, espaço e território”, Farinelli faz alusão ao Pórtico do Hospital dos Inocentes como exemplo crucial da arquitetura e da aplicação da perspectiva linear, e, de forma capciosa, tal pórtico insere um significado de renascimento, de nova vida ao conhecimento produzido e a ideia da transformação do finito em infinito (amplitude da ciência). Enquanto Florença voltava-se para a ocupação dos espaços rurais circunvizinhos e áreas urbanas com arquitetura e prédios que exaltassem a perspectiva do momento (territorialista), outra cidade italiana, Gênova, destacava-se como precursora e berço do capitalismo moderno ao buscar padrões estáticos e confiáveis de moedas correntes para o sistema financeiro da época (capitalista). Florença, em sua corpulência, seria modelo para o Estado Territorial centralizado moderno como hoje conhecemos.

Os capítulos 12, “Nascimento de uma nação”; 13, “Hipótese sobre a Utopia”; e 14, “Complicações medievais”, respectivamente, tratam da visão estratégica de acumulação de capitais: seja do capital líquido, seja do investimento em território (Gênova e Florença). A esse respeito, observamos o nascimento da questão do Estado usando o exemplo de Florença. O autor traça um paralelo entre a “perspectiva” e o surgimento dessas duas formas de crescimento das cidades italianas Gênova e Florença, mostrando a ambivalência do cálculo aplicado à perspectiva florentina nessas duas áreas distintas a ser analisadas.

Os capítulos 15, “O retorno de Ptolomeu”; 16, “O fundo do abismo e o lugar do coral”; e o 17, “Sob o signo do peixe que cospe”, tratam, resumidamente, da dimensão espacial da Terra, não mais tratada como “globo terráqueo”, e, sim, como “globo celeste”, ao considerar a dimensão e a perspectiva do Cosmos (infinito), passando-se a configurar os mapas e suas representações a partir das devidas competências e créditos.

Os capítulos finais 18, “O fascínio da serpente com chocalho”; 19, “A paisagem e a economia da natureza”; e o 20, “Ciranda, cirandinha”, encerram a obra de Farinelli. O autor prossegue, ao narrar o fascínio do homem pelo desconhecido, apontando a necessidade de se medir o mar e seu abismo (até então um mistério), e não as montanhas, estas visíveis e estáticas. As pinturas pitorescas entram em cena com esse intuito, de representar, medir e constatar o relevo sob nossos olhos. Passa-se a um novo olhar, dessa vez, permeando a geografia propriamente dita com atenção aos vulcões, abismos e demais formações geológicas, dando visibilidade à imagem científica do mundo como conhecemos, e cria a “paisagem”.

O mundo se subverte à paisagem, mesmo que o mundo seja uma esfera e/ou uma paisagem, e não mais uma carta cartográfica; não existe mais espaço nem tempo. A globalização nos lembra constantemente desse advento: somos seres velozes e sociais. A aldeia é a cidade e a cidade é o mundo. Dessa aldeia à cidade, persiste a necessidade de conectar-se, de comunicar-se. O homem é um agente comunicador por natureza, a sociedade funciona assim.

O espaço ganhou uma nova perspectiva, nesse caso, ampla e infinita: o ciberespaço. Portanto, a humanidade persiste e existe em um globo celeste no infinito espacial. Estará em dias atuais a ideia de esfericidade posta em voga novamente? O movimento negacionista e terraplanista que observamos ressurgir na atualidade precisaria de um novo espaço capitular na obra do autor? Tais questões apontam a necessidade de se aprofundar ainda mais no pensamento e obra de Franco Farinelli.

## REFERÊNCIA

FARINELLI, F. **A invenção da terra**. São Paulo: Phoebus, 2012.